DIAGNÓSTICO DE COMPREENSÃO DE LEITURA POR MEIO DO TESTE DE CLOZE

NEIDE DE BRITO CUNHA (UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO).

Resumo
Nas duas últimas décadas, estudos nacionais e internacionais realizados revelam que grande parcela de estudantes, ao chegar à universidade, não está preparada para atender à demanda de trabalho intelectual exigido neste nível de escolaridade. Esse despreparo está relacionado, principalmente, a falhas no desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de textos, visto que a maior parte das tarefas acadêmicas envolvem estas atividades. As instituições de ensino superior têm desenvolvido programas de nivelamento, com disciplinas básicas, dentre elas a de Leitura e Produção de Textos, no intuito de oferecer aos alunos ingressantes a oportunidade de superarem deficiências da escolarização anterior. Assim sendo, torna–se necessário diagnosticar em que nível esses leitores se encontram para que se possa planejar as atividades nessa disciplina. Considerando que o teste de Cloze é um modelo de testagem moderno e aceito como disciplina independente, dentro do campo da Lingüística Aplicada, este trabalho avalia a aplicação de um texto desenvolvido com a técnica de Cloze e, também, uma avaliação de interpretação de textos, com questões objetivas e dissertativas, para que se possa verificar uma possível relação entre seus resultados e comprovar a eficiência da técnica. Participaram 202 alunos, 60 homens e 142 mulheres, dos cursos de graduação em Educação Física, Odontologia, Pedagogia e Química Industrial de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo. Os resultados permitiram encontrar uma correlação estatísticamente significativa entre as médias obtidas no teste de Cloze e na avaliação de interpretação de textos, dessa forma, sugere–se que ele é um instrumento eficiente para detectar em que nível os leitores estão, além de ser um material de fácil elaboração. Sugere–se que sejam realizadas novas pesquisas para ampliar o conhecimento sobre as questões envolvidas na compreensão de textos, tendo em vista sua importância para o processo de ensino–aprendizagem, principalmente no ensino superior.

Palavras-chave:
leitura, Cloze, compreensão de textos.

Pesquisas nacionais e internacionais têm revelado um baixo nível de habilidade quanto à compreensão de leitura em universitários ingressantes. Houve indicação de relação entre as deficiências de compreensão e a falta de hábito de leitura com o baixo desempenho acadêmico desses estudantes, uma vez que para eles as atividades de leitura são essenciais (HALLIDAY e HASAN, 1976; FALK-ROSS, 2002; OLIVEIRA, SANTOS e PRIMI, 2003; SANTOS, SUEHIRO e OLIVEIRA, 2004; SILVA e SANTOS, 2004; OLIVEIRA e SANTOS, 2005; 2006).

A revisão da literatura especializada mostra que a maturidade em leitura pode ser desenvolvida por meio de procedimentos de intervenção mesmo no nível superior. Para tanto, num primeiro momento, faz-se necessário detectar o nível dos leitores (SANTOS, 1989). Então, o diagnóstico das dificuldades desses estudantes e a busca de alternativas práticas para superá-las cabem às universidades. Algumas delas têm desenvolvido programas de nivelamento, com disciplinas básicas, dentre elas a de Leitura e

Produção de Textos, no intuito de oferecer aos alunos ingressantes a oportunidade de superarem deficiências da escolarização anterior.

Um exemplo desse tipo de programa de nivelamento aparece na pesquisa de Nassri (2002), que verificou a compreensão de leitura de universitários dos primeiros e últimos anos dos cursos de direito e medicina, de uma instituição que se empenha nesse sentido por meio de uma disciplina oferecida na 1ª série. Foi usado um texto em Cloze tradicional para medir a compreensão de leitura dos estudantes e os resultados obtidos sugeriram que a instituição estava tendo um impacto positivo no desempenho dos alunos em leitura, pois tanto os alunos de Direito como os de Medicina apresentaram melhora significativa no desempenho no final do curso, o que poderia estar decorrendo das exigências de leitura feitas ao longo da graduação pelos docentes.

A técnica de Cloze vem sendo gradualmente utilizada por pesquisadores de leitura e linguagem, principalmente a partir da década de 70. Ela foi criada como um meio de avaliar a compreensibilidade de textos escritos. De acordo com Condemarín e Milicic (1994), atualmente, estão sendo divulgadas, aplicadas e pesquisadas, em forma progressiva, suas possibilidades de aplicação na avaliação e na instrução de mecanismos psicolingüísticos que operam na compreensão da linguagem escrita.

Embora sejam considerados instrumentos das eras da psicometria estruturalista e psicolingüística-sociolingüística, hoje em dia, na era comunicativa do ensino-aprendizagem da linguagem, os testes de Cloze e os de múltipla-escolha são os mais usados para medir a compreensão da leitura (WEIR, 1990). É considerado, também, uma estratégia eficaz para a aprendizagem de destrezas específicas da leitura, idiomas estrangeiros, disciplinas de estudo, escrita e trabalho de recuperação (HEATON, 1989; ABRAHAM e CHAPELLE, 1992; STOREY, 1997).

A literatura sobre os testes de linguagem, nos anos de 1970 a 1980, apresentou pareceres positivos que atestaram que os testes de Cloze eram válidos e confiáveis para exames de proficiência em língua estrangeira, como o de Aitken (1977). Esses testes demonstravam a habilidade para discriminar os diferentes níveis instrucionais de aprendizes de línguas estrangeiras, como acrescentaram Briere, Clausing et al. (1978). Soudek e Soudek (1983) concluíram que os testes de Cloze eram altamente eficientes e fáceis de construir, administrar e corrigir.

Essa técnica teve correlações altas com outros exames de proficiência em língua estrangeira, como o TOEFL, como afirmaram Irvine, Atai et al. (1974). Houve correlações altas também com exames de colocação de um grande número de universidades (OLLER, 1972; STUBBS e TUCKER, 1974). Outrossim, os testes de Cloze permitiam medir habilidades lingüísticas globais além de pontos distintos do conhecimento de gramática e vocabulário (OLLER, 1972). Desse modo, conforme Klein-Braley e Raatz (1984), os testes de Cloze rapidamente ganharam popularidade e a inclusão deles num estudo era visto como garantia de sua qualidade.

Assim, o Cloze foi considerado um modelo de testagem moderno e aceito como disciplina independente, dentro do campo da lingüística aplicada. Um marco para esse desenvolvimento foi

apresentado por Bachman (1990), com a aceitação de um novo modelo teórico da compreensão para os testes lingüísticos, posteriormente revisado por Bachman e Palmer (1996). Um importante ponto desse modelo foi a divisão da habilidade lingüística em duas categorias: o conhecimento organizacional e o pragmático, divididos em subcategorias como o conhecimento gramatical (de sintaxe, fonologia etc.) e o sociolingüístico (de dialetos, registros, expressões idiomáticas etc.). O modelo de Bachman (1990) contrastava com os modelos propostos por pesquisas anteriores, como o de Oller (1979) que entendia a habilidade lingüística como sendo global e única.

No Brasil, várias pesquisas têm utilizado o Cloze, muitas vezes em conjunto com outros testes, provas, escalas ou questionários. São encontrados estudos com o Cloze associado às estratégias de aprendizagem (Joly e Paula, 2005; Santos, Vendramini, Suehiro e Santos, 2006); estilos cognitivos (Santos, Martins e Faria, 2005), inteligência fluída (Oliveira e Sisto, 2005), condições de estudo (Oliveira e Oliveira, 2007), atitudes de leitura e desesperança (Oliveira, 2008), à produção textual (Cunha e Santos, 2006), entre outros.

O estudo de Cunha, Suehiro, Oliveira, Pacanaro e Santos (no prelo) investigou a produção científica voltada à avaliação da leitura no contexto escolar nos anos de 1996 a 2005. Foram analisados 33 artigos de 12 periódicos classificados como “A” Nacional (na época do levantamento) segundo o Qualis da Capes. As análises evidenciaram que dentre os instrumentos utilizados para avaliar a compreensão de leitura, a técnica de Cloze foi a mais utilizada. Foram resgatados artigos, dissertações e teses por meio das bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Cunha (2009) fez um levantamento de pesquisas com teste de Cloze no Brasil, nele não foi encontrado nenhum estudo que investigasse a relação entre os resultados de compreensibilidade de textos por meio do teste de Cloze e os de múltipla escolha, em universitários. Somente uma das pesquisas levantadas utilizou os dois tipos de testes, para mensurar a compreensão de textos, mas não estabeleceu a relação entre os resultados.

Essa foi a pesquisa de Gabriel e Frömming (2002), que analisou a compreensão de textos, por meio desses testes, em candidatos aprovados em onze cursos do exame vestibular do verão de 1999, de uma universidade de Santa Catarina, na prova de Língua Portuguesa. Nos resultados, a escolha do curso pareceu ser determinante no desempenho dos candidatos, pois os cursos que apresentavam o maior número de candidatos por vaga tiveram os melhores desempenhos. Outro aspecto identificado foi a grande carência de conhecimentos lingüísticos por parte dos candidatos, uma vez que os itens que apresentaram maior dificuldade exigiam reflexão sobre o código. As autoras sugeriram que, na continuidade dos estudos sobre avaliação da compreensão em leitura, seria interessante observar como o uso de estruturas mais complexas do ponto de vista lingüístico dificultam a compreensão do texto lido.

Observando essa lacuna, este trabalho tem por objetivo: averiguar as habilidades lingüísticas tal como mensuradas pelo teste de Cloze e por meio de uma avaliação de interpretação de textos, com

questões objetivas e dissertativas e examinar os índices de correlação entre os escores do Cloze e da avaliação para comprovar a eficiência da técnica.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 202 alunos, sendo 60 homens e 142 mulheres, do 1º semestre dos cursos de Educação Física (n=46), Odontologia (n=41), Pedagogia (n=62) e Química Industrial (n=39). Do total dos participantes, 14 não responderam aos dois testes. Todos os estudantes eram de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo.

Instrumentos

Questões de identificação - os sujeitos informaram, na mesma folha do teste de Cloze, os seguintes aspectos: nome, idade, sexo, e curso ao qual pertenciam.

Teste de Cloze, adaptado de Luís Fernando Veríssimo - intitulado 'Desentendimento', com 250 vocábulos, do qual se omitiu sempre a quinta palavra, sendo que o espaço deixado foi proporcional ao tamanho do vocábulo omitido. (Anexo 1)

Avaliação de interpretação de textos - com 14 questões objetivas e 3 dissertativas, todas referentes à compreensibilidade de textos dissertativos, retirados de provas de concursos públicos e vestibulares.

Critérios de correção

Para o teste de Cloze foi atribuído um ponto para cada acerto, sendo consideradas corretas as palavras que tiverem sido as mesmas usadas pelo autor do texto. Essa forma de correção é denominada literal ou verbatim e é recomendada por evitar o subjetivismo na avaliação. O número de acertos máximos era de 40, correspondentes ao número de omissões.

Na Avaliação de interpretação de textos, cada questão objetiva (com o total de 14) valeu 0,5 ponto, totalizando 7 pontos e as três dissertativas valiam 1 ponto cada. Assim, o máximo de pontos seria de 10.

Procedimento

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco. A coleta de dados ocorreu com os estudantes que assinaram o Termo de Consentimento Esclarecido.

Os instrumentos foram aplicados nos alunos, em situação de sala de aula, pela pesquisadora. Para evitar o efeito de fadiga, cada instrumento foi aplicado em diferentes momentos de um dia normal de atividades escolares, entre outras atividades previstas no planejamento da aula.

Os dados foram tratados por meio dos procedimentos estatísticos do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 11.5.

Resultados e Discussão

Tendo em vista os objetivos pretendidos, recorreu-se a provas de estatística descritiva e inferencial para se analisar os dados obtidos neste estudo. A primeira parte dos resultados, de acordo com o primeiro objetivo, consistiu em avaliar a habilidade dos sujeitos no teste de Cloze e na avaliação de interpretação de textos. Os resultados das provas de estatística descritiva são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas dos escores dos instrumentos por cursos

Curso		Teste de Cloze	Avaliação de Interpretação de Textos
Educação Física	Média	18,04	5,31
	Desvio padrão	3,63	1,41
Odontologia	Média	18,12	5,24
	Desvio padrão	3,59	1,50
Pedagogia	Média	18,40	5,41
	Desvio padrão	4,39	1,98
Química Industrial	Média	18,72	5,98
	Desvio padrão	3,34	1,79
Total	Média	18,32	5,46
	Desvio padrão	3,82	1,72

Destaca-se o desempenho dos alunos do curso de Química Industrial, com as maiores médias tanto no teste de Cloze (M=18,72), quanto na Avaliação de Interpretação de Textos (M= 5,09). Em contrapartida, os alunos do curso de Educação Física tiveram a menor média no teste de Cloze (M=18,04) e os da Odontologia a menor média na Avaliação (M=5,24).

Observa-se que o desempenho dos estudantes no teste de Cloze ficou abaixo de 50% de acertos em todos os cursos, com média de 18,32 acertos, visto que o máximo era de 40. Já na Avaliação de Interpretação de Textos as médias, nos cursos, ficaram acima de 50% de acertos, porém muito próximas de 5,0, com exceção da Química Industrial. Esses resultados indicam deficiências de compreensão, que podem resultar em conseqüente baixo desempenho acadêmico desses universitários, uma vez que para eles as atividades de leitura são instrumentos de aprendizagem (HALLIDAY e HASAN, 1976; FALK-

ROSS, 2002; OLIVEIRA, SANTOS e PRIMI, 2003; SANTOS, SUEHIRO e OLIVEIRA, 2004; SILVA e SANTOS, 2004; OLIVEIRA e SANTOS, 2005; 2006).

Assim sendo, esse diagnóstico evidencia a necessidade de procedimentos de intervenção, mesmo para esse nível de estudantes (SANTOS, 1989). Uma alternativa prática para melhorar a compreensão de leitura é a disciplina Leitura e Produção de Textos, como foi verificado por Nassri (2002), que atestou a eficiência desse tipo de disciplina, com resultados positivos no desempenho em leitura dos alunos dos primeiros e últimos anos dos cursos de direito e medicina.

De acordo com o segundo objetivo, foram estabelecidos os índices de correlações (r) e níveis de significâncias (p) entre as médias dos instrumentos. Os resultados indicaram que o número de acertos no teste de Cloze se correlacionou positivamente com os acertos na Avaliação de Interpretação de Textos (r=0,376) e (p=0,000).

Há que ressaltar que o teste de Cloze teve correlações altas com exames de proficiência em língua estrangeira, como o TOEFL (IRVINE, ATAI et al., 1974; AITKEN, 1977). Houve também correlações altas com exames de colocação de um grande número de universidades (OLLER, 1972; STUBBS e TUCKER, 1974). Ficou evidenciado que ele permitiu medir habilidades lingüísticas globais além de pontos distintos do conhecimento de gramática e vocabulário (OLLER, 1972).

Infere-se que essas correlações altas com exames de proficiência e de colocação em universidades evidenciem relação entre os resultados obtidos em testes de Cloze e avaliações com interpretação de textos, com testes de múltipla escolha e questões dissertativas, comumente utilizados nestas provas. Desse modo, os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro dos obtidos na literatura consultada (OLLER, 1972; STUBBS e TUCKER, 1974; IRVINE, ATAI et al., 1974; AITKEN, 1977)

Considerações Finais

Pode-se depreender que tanto o teste de Cloze como a Avaliação de Interpretação de Textos avaliou de maneira semelhante a compreensibilidade de textos. Assim, o teste de Cloze mostrou-se eficiente na avaliação e na instrução de mecanismos psicolingüísticos que operam na compreensão da linguagem escrita.

Sugere-se que ele é um instrumento eficiente para detectar em que nível os leitores estão. Por meio dele são medidas habilidades lingüísticas como o conhecimento organizacional e o pragmático.

Recomenda-se que sejam realizadas novas pesquisas para ampliar o conhecimento sobre as questões envolvidas na compreensão de textos, tendo em vista sua importância para o processo de ensino-aprendizagem, principalmente no ensino superior. Entende-se que, para tanto, o teste de Cloze é um instrumento fácil de construir, administrar e corrigir, embora não deva ser utilizado indiscriminadamente, sem o conhecimento de sua literatura.

Referências

ABRAHAM, R. G.; CHAPELLE, C. A. The Mediating of Cloze test scores: an item difficulty perspective. The Modern Language Journal, v.76, n. 4, p. 468-479, 1992.

AITKEN, K. G. Using Cloze Procedure as an Overall Language Proficiency Test. TESOL Quarterly, v. 11, n. 1, p. 59-67, 1977.

BACHMAN, L. Fundamental Considerations in Language Testing. Oxford: Oxford University Press, 1990.

BACHMAN, L.; PALMER A. Language Testing in Practice: Designing and Developing Useful Language Tests. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BRIERI, E.; CLAUSING, G. et al. A look at Cloze testing across languages and levels. Modern Language Journal, v. 62, p. 23-26, 1978.

CONDEMARÍN, M.; MILICIC, N. Test de Cloze: procedimiento para el desarrollo y la evaluación de la comprensión lectora (2ª ed.). Santiago: Andrés Bello, 1994.

CUNHA, N. B. Pesquisas com teste de Cloze no Brasil. In: OLIVEIRA, K. L.; BORUCHOVITCH, E.; SANTOS, A. A. A. (Org.). Compreensão de Leitura: O Cloze como instrumento de diagnóstico e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 66-102.

CUNHA, N. B.; SANTOS, A. A. A. Relação entre a compreensão da leitura e a produção escrita em universitários. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 19, n. 2, p. 237-245, 2006.

CUNHA, N. B.; SUEHIRO A. C. B.; OLIVEIRA, E. Z.; PACANARO, S. V.; SANTOS, A. A. A. Avaliação da Leitura no Contexto Escolar entre 1996 e 2005. PSICO, v. 40, n. 1 (no prelo).

FALK-ROSS, F. C. Toward the New Literacy: Changes in College Student's Reading Comprehension. Journal of Adolescent & Adult Literacy, n. 45, p. 278-88, 2002.

GABRIEL, R.; FRÖMMING, M. Compreensão em Leitura: Como avaliá-la? Signo, Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, v. 27, n. 43, p. 7-44, jul./dez., 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Cohesion in English. London: Longman, 1976.

HEATON, J. B. Writing English language tests: Handbook for language teachers. London and New York: Longman, 1989.

IRVINE, P.; ATAI, P. et al. Cloze, Dictation and the Test of English as a Foreign Language. Language Learning, n. 24, v. 2, p. 245-252, 1974.

JOLY, M. C. R. A.; PAULA, L. M. Avaliação do uso de estratégias de aprendizagem e a compreensão em leitura de universitários. In: JOLY, M. C. R. A., SANTOS, A. A. A.; SISTO, F. F. (Org.). Questões do cotidiano universitário. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 33- 58, 2005.

KLEIN-BRALEY, C.; RAATZ, U. A survey of research on the C-Test. Language Testing, v. 1, n. 2, p. 134-146, 1984.

NASSRI, R. C. B. M. Compreensão de Leitura em Universitários de Direito e Medicina. In: WITTER, G. P. (Org.). Psicologia: tópicos gerais. Campinas: Alínea, p. 179-191, 2002.

OLIVEIRA, R. A. M.; OLIVEIRA, K. L. Leitura e condições de estudo em universitários ingressantes. Psic (São Paulo), v. 8, p. 51-59, 2007.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. Compreensão em leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. Psicologia Reflexão e Crítica, v. 18, n. 1, p. 118-124, 2005.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. Compreensão de textos e desempenho acadêmico Psic, v. 7, n. 1, p. 19-27, 2006.

OLIVEIRA, A. F.; SISTO, F. F. Produção de texto e inteligência fluida. In: JOLY, M. C. R. A., SANTOS, A. A. A.; SISTO, F. F. (Org.). Questões do cotidiano universitário. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 81-101, 2005.

OLIVEIRA, K. L. Compreensão da leitura, atitudes de leitura e desesperança em universitários. Psicologia Ciência e Profissão, v. 28, n. 4, p. 820-831, 2008.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A.; PRIMI, R. Estudo das relações entre compreensão em leitura e desempenho acadêmico na universidade. Interação em Psicologia, v. 7, n. 1, p. 19-25, 2003.

OLLER, J. Scoring Methods and Difficulty Levels for Cloze Tests of Proficiency in English as a Second Language. Modern Language Journal, v. 56, p. 151-158, 1972.

OLLER, J. Language Tests at Schools. London: Longman, 1979.

PAGE, W. D. The post-oral reading Cloze test: New link between oral reading and comprehension. Journal of Reading Behavior, v. 7, n. 4, p. 383-389, 1975.

SANTOS, A. A. A. Leitura entre Universitários: Diagnóstico e Remediação. Tese de Doutoramento - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SANTOS, A. A. A.; MARTINS, R. M. M.; FARIA, M. Estilos cognitivos dependência e independência de campo: análise de sua relação com a compreensão da leitura. In: JOLY, M. C. R. A.; SANTOS, A. A. A.; SISTO, F. F. (Org). Questões do cotidiano universitário. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 59-80, 2005.

SANTOS, A. A. A.; SUEHIRO, A. C. B.; OLIVEIRA, K. L. Habilidades em compreensão da leitura: um estudo com alunos de psicologia. Estudos de Psicologia, v. 21, n. 2, p. 29-41, 2004.

SANTOS, A. A. A.; VENDRAMINI, C. M. M.; SUEHIRO, A. C. B.; SANTOS, L. A. D. Leitura compreensiva e utilização de estratégias de aprendizagem em alunos de Psicologia. Estudos de Psicologia, v. 23, n. 1, p. 83-91, 2006.

SILVA, M. J. M.; SANTOS, A. A. A. A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico em universitários. Psicologia em Estudo, v. 9, n. 3, p. 459-467, 2004.

SOUDEK, M.; SOUDEK L. I. Cloze after thirty years: new uses in language teaching. ELT Journal, Oxford University Press, v. 37, n. 4, p. 335-341, 1983.

STOREY, P. Examining the test-talking process: a cognitive perspective on the discourse Cloze test. Language Testing, v. 14, n. 2, p. 214-231, 1997.

STUBBS, J.; TUCKER, G. R. The Cloze Test as a Measure of English Proficiency. Modern Language Journal, v. 58, p. 239-241, 1974.

WEIR, C. Communicative language testing. New Jersey: Prentice Hall International, 1990.

Nome:_____**Curso:**_____

Instruções: O texto abaixo apresenta algumas lacunas. Por favor, leia o texto todo e depois volte ao início e preencha as lacunas com as palavras que julgar mais adequadas, levando em consideração o assunto apresentado. Obrigado pela colaboração!

Luís Fernando Veríssimo. Ícaro – Revista de bordo da Varig. n.136.1995.

DESENTENDIMENTO

A comunicação com garçons pode ser uma provação em qualquer parte do mundo. Costumo tomar leite frio, de manhã. Em Tóquio, na primeira ..... em que nos aventuramos ..... tomar café fora do ....., fui munido da palavra ..... para leite. Miruku, ou ..... parecida. Experimentei-a no ....., que me devolveu um ..... cheio de perplexidade. Tentei ..... novo, em várias flexões. ..... acertei: era preciso dizer ..... palavra rapidamente. Veio o ..... . Quente. Não sei que ..... usei para dizer que ..... queria frio – duvido que ..... me abraçado e simulado ..... tremedeira, o que só ..... o garçom sair atrás ..... alguma corrente de ar ..... dentro do restaurante, mas ..... entendeu, levou o copo ..... o trouxe de volta. ..... pedras de gelo dentro ..... leite. Um japonês que ..... nosso desentendimento de uma ..... ao lado se ofereceu ..... ajudar. Traduziu meu pedido ..... o garçom. Tudo esclarecido. ..... a intermediação enquanto o ..... voltava para a cozinha ..... o copo e pouco ..... o trazia de volta. ..... a ameaça à paz ..... e à amizade entre ..... povos, levantei o copo ..... direção do tradutor num ..... agradecido. O leite estava ..... . Não adianta reclamar se ..... a um restaurante de ..... e pedimos um prato ..... sofisticado. Há que se ..... com o hambúrguer e ..... uma sacolinha de batata .....

Em Budapeste entramos num restaurante em que o menu era em húngaro e alemão, e o húngaro é tão difícil que entendemos em alemão. Não tive dificuldade em me fazer entender pelo garçom. Apontei com o dedo para a única palavra em alemão que qualquer pessoa precisa saber, além de bite e danke: forelle. Quer dizer truta. Eu poderia andar pela Alemanha comendo trutas em todas as refeições – salvo no café da manhã, claro.

Você já conhecia esse texto? ( ) Sim ( ) Não

Santos, A. A. A. (2002). Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Psicologia – Universidade São Francisco. Itatiba – SP.